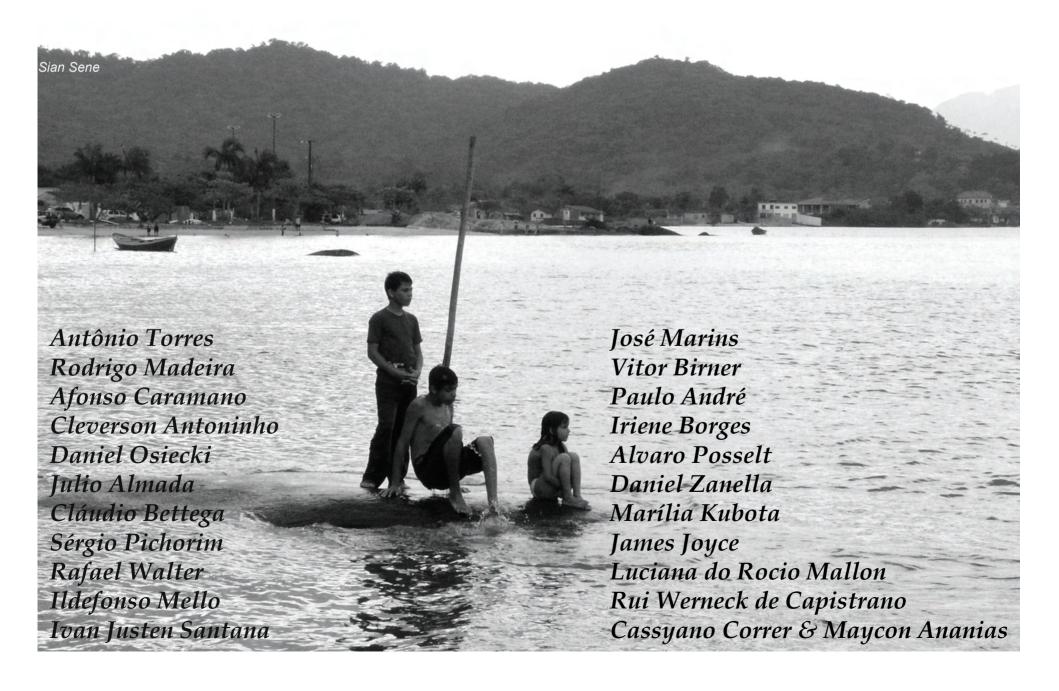
PARANÁ | JUNHO DE 2012 | EDIÇÃO 11 | ANO II

Relevo



de uma nova época de nosso periódico. Mais ciente de **Apoio Cultural** nossas intenções como veículo cultural, neste número trazemos uma homenagem ao legado literário de Cláudio Bettega, poeta curitibano morto há um ano. Diversos escritores locais escrevem sobre ele e suas memórias, além de inéditos cedidos pela família.

Também temos uma página inteira dedicada ao haicai, gênero de ares cotidianos e líricos com diversos cultuadores no Brasil. Temos também dois cronistas esportivos, com suas percepções peculiares sobre o futebol e seus bastidores, além de crônica sobre Dalton Trevisan (remetendo de uma forma quase casual ao Prêmio Camões concedido ao Vampiro de Curitiba em maio).

Se você acompanha nossa curta trajetória, perceberá também que o jornal está maior, agora com 16 páginas, 4 a mais do que nas edições anteriores.

A nossa busca é por um impresso literário com ênfase na crônica - porque é o que o editor lê e escreve -, mas com amplo espaço para a produção paranaense em poesia e conto, sem deixar de se abrir para o que é feito de valor em outras praças.

Porque somos a aldeia em tempos sem fronteira. Uma boa leitura a todos.









Colaboradores

Ricardo Pozzo

Escritor e fotógrafo curitibano.

Rodrigo Madeira

Poeta, autor de Sol sem pálpebras (Imprensa Oficial, 2007) e Pássaro ruim (Medusa, 2009). Publica seus textos no endereço rodrigo-madeira.blogspot.com.br.

Cursa 5º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Um docinho de coco.

Poeta e artista visual. Publicou duas antologias pelo coletivo literário Pó&teias. Publica seus textos no endereço vozdeeco.blogspot.com.

. Escritor e editor curitibano. Publica seus textos no endereço fieiradehaicais.blogspot.com.

Cronista e comentarista esportivo do Cartão Verde, da TV Cultura. Publica seus textos no endereço blogdobirner.virgula.uol.com.br.

Jogador de futebol e escritor, autor de O jogo da minha vida (2012).

Alvaro Posselt

Professor de Língua Portuguesa, revisor e tradutor. Escreveu o Haicai em sala de aula, monografia de conclusão de curso de Letras em 2007.

Escritora parnanguara, autora de Selva de sentidos (2008). Edita o Jornal Memai e publica seus textos no endereço micropolis.blogspot.com.

Poetisa paranaense. Publica seus textos no endereço lucianadorocio.blogspot.com.

Rui Werneck de Capistrano

Escritor curitibano, autor de Nem bobo nem nada.

Cassyano Correr & Maycon Ananias

Compositores curitibanos.

Antônio Torres

Escritor baiano, autor de, entre outros, Essa Terra, de 1976. Publica seus textos no endereco antoniotorres.com.br.

Afonso Caramano

Escritor paulista formado em Letras. Intgrou diversas antologias de contos e poesias e contribuições regularmente com crítica de mídia no Observatório da Imprensa.

Cleverson Antoninho

Contista curitibano. Cursa 7º período de Jornalismo na UP.

Escritor curitibano e professor de literatura. Publica resenhas sobre literatura portuguesa no blog Távola Redonda. É autor de Abismo (2009).

Poeta e escritor. Publica seus textos no endereço julioalmada.net.

Cláudio Bettega

Poeta e ator curitibano, morto em 2011, aos 39 anos.

Sérgio Pichorim

Escritor paranaense, integrante de diversas coletâneas de haicais.

Rafael Walter

Poeta curitibano.

Ildefonso Mello

Poeta, designer e produtor cultural. Prêmio Newton Sampaio de 1991.

Poeta e tradutor paranaense. Publica seus textos no endereço ossurtado.blogspot.com.

Formado em Designer Gráfico e Pós-graduado em audiovisual, atua na área da fotografia, cinema e design. Divulga seus trabalhos no endereço siansene.com.

> O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Histórias do Flamengo

Não faz muito tempo, a gente entrava no Rio Branco, e, antes de puxar uma cadeira, tinha de olhar para o fundo do café: o retrato do Barão estava todo enfeitado de flores. As flores envolviam a moldura oval e acompanhavam, em guirlandas, os frisos de madeira da parede. Quando passei por lá, as flores estavam murchas. Mario Filho

✓ Expediente

Fundado em Setembro de 2010 Edição: Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 06 de junho, 20h.



www.twitter.com/jornalrelevo Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.

com

Daniel Zanella

Atendentes de Supermercado

Sian Sene

Não são poucos os dias em que questiono a relevância de tudo o que faço, de minhas crônicas de pouco fôlego

às minhas pautas literárias assombradas por cacoetes e imperícias. E como lembro u um amigo ontem, meu amor acaba e zumbis se distraem com fogos de artifício.

Agora, vou te dizer uma coisa que sei fazer bem, aquilo que me fará eterno e perfeito: flertar com as atendentes de supermercado. É impressionante mesmo.

Há pouco mais de três s e m a n a s comecei a elaborar listas de compras – para superar o fim (não o final) de um relacionamento e o fim natural (não dos relacio-

namentos) dos mantimentos da geladeira velha. Eu anoto tudo, disciplina, disciplina, disciplina, de necessidades etílicas a temperos para a macarronada suspeita.

Tenho, portanto, observado regularmente as filas de caixa rápido e o comportamento dos usuários com as atendentes. Minhas pesquisas de alto teor comprobatório dizem que as mulheres demoram mais pra liberar a vez, talvez porque

comprem mais coisas e os homens compram mais bebidas, só se enrolando um pouco quando a atendente é jeitosa.

Meu percurso afetivo com as atendentes é banal e previsível. Primeiro, eu torço para ser atendido pela cabrocha menos prestigiada. E isso geralmente acontece. Chego ao caixa, coloco minha cestinha na esteira e, antes de retirar algum produto, fito pausadamente

a atendente, olhos nos olhos, momento de tensão, para, então, soltar o meu melhor sorriso, triunfante e sincero, dizendo ao mesmo tempo "Olá... Tudo bem com você?"

Não tem erro. Depois de um instante ligeiro de constrangimento, as atendentes retribuem o sorriso, algumas até comentam a estação do ano, dão cinco centavos a mais de troco. Sempre elogio seus cabelos, agradeço a educação toda, deixa que

eu empacoto sozinho, deixa, pergunto se precisam de trocado, ontem até disse à moça encabulada que preferia ser sempre atendida por ela, a minha eleita, a minha preferida...

Pago, recebo a nota fiscal e sigo meu rumo.

Agora a pouco fiz o que sempre faço, mas depois de carregar as sacolas, próximo!, resolvi parar e observar a atendente elogiada, realmente bonita ao seu modo. Vi que ela tinha um sorriso baixo, algum tipo de ansiedade na hora de arrumar as notas do caixa e mal olhou para o senhor de ar carrancudo.

Acredito que as nossas vidas poderiam, sim, ser um pouco mais liricamente cretinas, queremos ouvir um tanto de mentira sem dor – mesmo que isso nos custe alguma fuga precipitada desta difícil badalada cotidiana.



Relev**O 4** Junho de 2012



Tudo que sabia dela era de ouvir dizer. Coisas assim: que no fundo de cada filho de família dorme um vampiro, como o Nelsinho, o Delicado, ou o Dalton, o Contista, suplicantes de beijos das virgens - e de suas carótidas. Mesmo sendo refratários à luz do dia, tornam-se invisíveis, só para contrariar os bisbilhoteiros que a visitam na vã esperança de identificá--los. Quais seriam eles, entre aqueles encostados num balcão, de olho nas meninas que passam, sem lhes prestar atenção? Se é isto o que você quer saber, pode ter certeza de que perdeu a viagem. No entanto, acredite: bem diante dos seus olhos, um deles estará às raias do êxtase, ante a esplêndida visão de uma viúva que acaba de sair de

um carro: "Ela está de preto... Repare na saia curta, distraise a repuxá-la no joelho. Ah, o joelho... Redondinho de curva mais doce que o pêssego maduro. Ai, ser a liga roxa que aperta a coxa fosforescente de brancura. Ai, o sapato que machuca o pé. E, sapato, ser esmagado pela dona do pezinho e morrer gemendo. Como um gato!".

Impossível não associar Curitiba ao ritual de seus pequenos vampiros, súditos de Onã, priápicos inofensivos a enxugar conhaques, para afogar os dissabores de uma adolescência espinhenta. Ou a um humorístico jogo de palavras que certamente lhe soa tão espirituoso quanto incômodo: "Ritiba quer dizer 'do mundo'". E ainda à definição que lhe cunhou a roqueira

Rita Lee: "Uma cidade arrumadinha, bonitinha, com uma gente educadinha". Só que esta cidade, justa ou injustamente reduzida a diminutivos, é uma das que mais crescem no país.

Fiz um bordejo por lá, a convite da Confraria da Palavra. Palestras. Na PUC-PR e numa simpática Feira de Livros na Praça Osório. Quando cheguei, Carlos Heitor Cony já tinha pegado o avião de volta. Logo outro carioca talentoso, o Fernando Molica, deu o ar da sua graça para um reforço à programação cultural do evento e, a bem dizer, preencher um pouco a lacuna deixada pelo experiente Cony.

Para mim, foi como ir a Roma e não ver o papa, pois Dalton Trevisan, o sumo pontífice das letras paranaenses, ficou famoso também pela invisibilidade. Recluso sistemático, não se sabe se o ermitão Dalton existe ou é ficção. Modo de dizer. Miguel Sanches Neto, um novo valor que se alevanta no Sul, uma vez me garantiu que costuma bater em seus umbrais, e que ele lhe abre a porta, numa prova inequívoca de que sua existência é real, embora escondida a sete chaves da curiosidade pública.

Esse ourives de palavras – um gênio minimalista – foge do assédio como o diabo da cruz. E nisso faz lembrar o finado Scott Fitzgerald, quando dizia que não podia suportar a visita de celtas, ingleses, políticos, estrangeiros, virginianos, lojistas, intermediários em geral, todos os escritores (evitava

os escritores com o maior cuidado, porque eles podem perpetuar a agitação e o desassossego melhor do que ninguém) – e todas as classes como classes, a maioria delas pelos seus membros...

Seja lá qual tenha sido o motivo, o certo é que o criador de O vampiro de Curitiba não foi à feira. Ainda assim, a praça atraiu de poetas a loucos. Nenhum dos autores convidados conseguiu causar mais impacto do que uma mendiga. Esta roubou a cena diante de uma mesa de autógrafos, ao bradar, insistentemente: "Senhor vereador, eu quero uma saia nova!". Acabou sendo tratada respeitosamente. Aí dei razão a Rita Lee: em Curitiba há uma gente bem educada, sim

Bloomsday

Second Part -Openning which tells of the journeyings of the Soul

James Joyce

All day I hear the noise of waters Making moan, Sad as the sea-bird is when going Forth alone He hears the winds cry to the waters' Monotone.

The grey winds, the cold winds are blowing Where I go. I hear the noise of many waters Far below.

All day, all night, I hear them flowing To and fro.

Segunda Parte -Abertura que fala das jornadas da Alma

Ivan Justen Santana

O dia todo ouço o murmúrio de águas Em lamento,

Triste assim como é a gaivota solitária Contra o vento

Ouvindo o mar chorando o seu monótono Movimento.

Os ventos frios e cinzentos vêm uivando sobre Mim também.

Eu ouço o murmúrio de muitas águas Baixo, além.

O dia todo, a noite toda, eu ouço seu eterno Vai-e-vem





Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico

Preparatório - Graduação Pós-Graduação

Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895

Alvaro Posselt

Denso nevoeiro – Como se pisasse em nuvens ando pelo chão

> Um galho seco divide a lua ao meio – Crescente e minguante

Céu de outono – O voo do avião trepida na poça d'água

> Um risco no olhar – A libélula projeta-se sob o céu azul

Todo iluminado dorme o bêbado na praça – Lua de outono

Marília Kubota

Entre joaninhas trevos de quatro folhas. Dia de brinquedo.

> De repente a luz alumia a casa – Bando de vaga-lumes

Sala quieta – Dentro do pote de biscoito camélias secas

Primeiro frio de inverno – A receita de sopa de missô com a letra de minha avó.

Dia todo sem ideia – Tudo fica claro Na lua cheia

José Marins

folhas amarelas nesses velhos cinamomos – dariam bons versos

> abro meus ouvidos enche de silêncio o dia essa chuva mansa

a janela aberta no olhar da mulher enferma – céu azul profundo

> almoço de Páscoa – no lugar do filho ausente os causos da mãe

não sei se é feliz o grilo do meu jardim gosto de ouvi-lo

Sérgio Pichorim

Na minha infância A neblina sempre estava no final da rua.

> Restos de comida deixados pelo mendigo. Festa dos canários.

Secreto jardim. Floresceu a primavera Por cima do muro.

> Calorão da tarde. Um cão de rua espera deitado à sombra.

FIcou a saudade... NAda apaga a lembrança DOS dias vividos.

Ricardo Pozzo

Junho de 2012 7 RelevO

Rui Werneck de Capistrano

fazendo café



fazendo o café da manhã pensando nas coisas que rolam e ficam me enrolando pra tomar banho olhando pra fora à procura do céu lembrando de coisas passadas recentes a xícara quente o pão amanhecido janela aberta o dia que entra dizendo

agora é tarde ainda é cedo talvez amanhã ou nunca jamais de repente quem sabe

fazendo o café da manhã coando o tempo na garrafa térmica temendo que a chuva me pegue na rua lembrando de coisas passadas distantes migalhas caindo na mesa e no chão a roupa estendida em cima da cama sapatos gritando bem longe da mão

agora é tarde ainda é cedo talvez amanhã ou nunca jamais de repente quem sabe

fazendo o café da manhã filmando a nuvem que vem pelo ar abrindo a porta que dá pro quintal lembrando de coisas passadas e mortas crianças correndo e carros passando reflexo do sol nas vidraças e caras a vida explode e pássaros cantam

agora é tarde ainda é cedo talvez amanhã ou nunca jamais de repente quem sabe

ainda amanhã quem sabe agora é tarde talvez de repente ou nunca é cedo nunca de repente talvez quem sabe agora é cedo amanhã ainda talvez





ARTISTAS INTEGRADOS DESENVOLVENDO PROJETOS, OFICINAS, ARTESANIAS, WORKSHOPS E PRODUTOS, COM TODA TRANSDISCIPLINARIDADE E SOFISTICAÇÃO LÚDICA. DESDE A RE-SIGNIFICAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS ATÉ A EXPERIENCIAÇÃO ÚNICA MESTRE/DISCÍPULO, COM O PROPÓSITO DE PROPORCIONAR A PASSAGEM DOS OBJETOS E SERES PELOS PROCESSOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA TRANS.

mimesismimesis.com.br facebook | Mímesis Conexões Artísticas mimesisconexoesartisticas@gmail.com (41) 97156887

R. Ébano Pereira, 187 conj 602 | 603 Centro

RelevO 8

Cláudio Bettega

altero o ego do meu outro eu de acordo com o sonho que nesta noite me bateu modulo o abismo que nos separa e faço dele minha parte minha somos um não há outro e em mesmo sendo um não somos pouco

caminho perdido por qualquer beco bar qualquer Agosto carregando no rosto meu pesar profundo desgosto de ter que engolir à contragosto a realidade desse mundo sem caridade sabedoria ninguém disposto a mudar tudo com seriedade difundir a arte o gosto pela cultura e a verdadeira profundidade entre os homens alegoria e liberdade

este poema é feito pra cuspir no sistema podre esquema de roubos e trapaças promovidos pelas traças dos gabinetes dos palácios enquanto o povo não come nem ovo sofrendo à míngua sem conhecer a própria língua massa de manobra e o que sobra o que nos resta é salvar o que ainda presta protestar sem populismo cheios de altruísmo







Junho de 2012 9 | RelevO

para o poeta

Cláudio Bettega

Julio Almada

a nossa prosa versejava sobre o contraditório e o inverso o bar e a lua: era todo o universo

ALFORRIA

Ildefonso Mello

um homem vai dinâmico na palavra cruzada no espaço

Cláudio Bettega, amigo espetacular que, na despedida, me disse: inocente é quem precisa de advogado para ganhar alforria

Cláudio no céu

Rafael Walter

Cláudio gordo Cláudio bom Cláudio sempre com seu sorriso estampado

imagino Cláudio Bettega ao chegar no céu a perguntar: aqui é o open bar? e Baco, bonachão: entra, Cláudio, que Leminski e Marcos Prado te esperam na mesa ao lado



Cláudio Bettega e a Alma do Artista Curitibano

Luciana do Rocio Mallon

Em 2003, eu procurava por escritores curitibanos. Me deparei com um nome: Cláudio Bettega. Logo entrei em seu site e li textos maravilhosos. Não resisti e mandei uma mensagem elogiando o autor. Então, a partir daquele momento nasceu uma amizade. Um certo dia convidei Cláudio para participar de um sarau de poetas. Alguns minutos antes do evento começar, avistei um moço encorpado com cabelos claros, óculos de grau e sorriso simpático, que veio me cumprimentar. Alguns anos depois, tive a oportunidade de assistir peças de teatro estreladas por Claúdio Bettega, que sonhava, à época, ser ator.. Infelizmente, ele faleceu em 2010, aos 39 anos.

É, certamente, uma estrela a brilhar, lá no céu.

NOV

Entre em contato com a gente

Quer revender?

Jucélia (41) 3031-2357 (41) 9663-7557



the company for women

RelevO | 10

Chama e Topázio

Iriene Borges

É sobre o silêncio a compostura, o prumo e o enveredar pra vida sem a regalia de aferir o rumo.

E sobre a soltura o lastro, o cimo a iguaria preferida, o temperar constante infindo, que é Sabedoria.

Então eu me aproximo! E o mais me escapa entre o valor da paciência e a humildade que encapa na clarividência.

Algo sobre o orgulho, o ermo, o menosprezo alheio, e o limite; a poda, o feio, a parte deformada e o todo enfermo.

É sobre micro, macro universos implodidos, meditação, despojo e os versos e reversos escandidos.

É sobre saber, intuição, o estômago e a fome; sobre o digerir, a gestação, o âmago e o meu nome.

Sobretudo a compostura! O zelo! A pálpebra e a claridade, ser e estar, a estrutura e o lar o universal e o particular

Salienta o silêncio, o som, a poesia, a fervura, o caldeirão, a temperança, a ira, o ritual, a dádiva e a bruxaria.

É sobre um tudo, e um nada que resulta da ruminância e o regurgitar sonoro de uma alma estulta.

É sobre o legado o descompasso, a prece a messe, o entremeio; sublimação, e o passeio deste a outro estado.

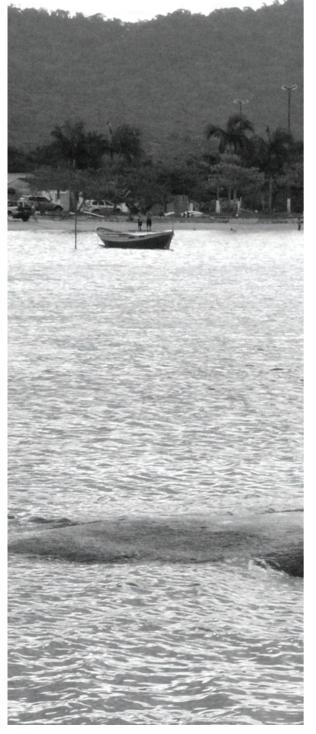
Sim, é a eternidade, o bem, o belo, o bom, o ambíguo e a palavra, o amplo e o exíguo, receptáculo e larva.

Einstein e relatividade!

É. Quando um anjo adeja há vórtices, derramamento, e entrevê-se a trama, o fio, a fortuna, o rodízio

O anjo passa E a graça lampeja chama e topázio

nos olhos da moça





Deputado Romário, obrigado pela pisada na bola

Vitor Birner

Vou contar como foi a minha irritante, cansativa e improdutiva quinta-feira. Bloguei à meia-noite o texto de Corinthians 6xo Deportivo Táchira. Continuei trabalhando até cerca de uma e meia da madrugada.

Algumas horas depois, seis e vinte, estava marcado meu voo para a capital federal.

Comentar, reportar ou narrar futebol aumenta bastante a adrenalina de vários jornalistas. É bem diferente de torcer ou ver as partidas por prazer.

O narrador precisa entrar no clima do confronto. Não pode bobear em nenhum lance. Tem que ficar atento o tempo todo. O repórter busca informações sem parar. No gramado não há repetição dos lances. Ele não sabe exatamente quando será chamado e necessita responder às perguntas de quem comanda a transmissão. E o comentarista necessita explicar as razões de tudo.

No posts dos jogos informo (função do repórter) e opino (comentarista).

Vejo as partidas enquanto vou colocando em ordem o raciocínio. Olho para o confronto e o computador sem parar. Blogo minutos após o jogo. O tempo exerce pressão. Por isso, quando termino, careço de mais ou menos duas horas para relaxar e conseguir dormir.

O sono chegou depois três da manhã. Acordei às quatro e quinze. Cheguei em Congonhas às cinco e vinte (uma hora antes do voo). O objetivo da viagem era gravar o Cartão Verde especial com o deputado Romário.

Depois de sei lá quantas

semanas de tentativas da produção, a assessoria de imprensa do deputado pediu que o bate-papo fosse em Brasília. Marcou às 10h30.

Vladir Lemos, apresentador, e a Juliana, produtora, foram antes. Chegaram na quarta-feira. A dupla deixou todos os detalhes acertados antes da viagem e foi na véspera no intuito de checar se estava tudo certo. A TV Cultura pagou hotel, alimentação, passagens aéreas, transporte do aeroporto aos locais devidos, contratou os câmeras, alugou equipamento e ainda contou com a gentileza da Rede Vida, que nos cedeu o estúdio. Por causa da CPI do Cachoeira. convocada na noite anterior, Romário precisou atrasar.

A razão justificava a demora. Acontece. Entendemos a situação.

A Camila (assessora de imprensa) combinou de levá-lo às 11h30.

De novo o dito cujo não apareceu.

Ela chegou na Rede Vida após às 13h. Garantiu a presença dele até às 14h.

O voo de volta fora marcado às 15h. Eu estava carregado de trabalho, havia adiado dois compromissos pessoais importantes, e pretendia blogar sobre Santos x The Strongest. Tenho mais de um emprego. Quando os aceitei, me preocupei que não houvesse conflito de horários.

Chamei a Camila de canto, expliquei a situação e perguntei, irritado, como ela ia resolver o problema que criou para mim. Eu precisava ir embora, mas não podia fazê-lo sem gravar o programa. O fato de não ser ao



vivo (seria caso pudéssemos escolher) tal qual normalmente acontece, me permitiu marcar uma cirurgia (nada grave) na próxima terça-feira. Já adiei três vezes a mesma. Não posso mais mudá-la.

Além disso, havia a questão do respeito. A TV gastou uma grana, larguei o blog, entortei toda minha rotina, o Vladir e a Ju também...

Relembro: Romário definiu o local, dia e hora da gravação.

Quando eram 14h20, a Camila disse que ele estava na esquina, quase chegando. Após mais uma hora de espera, obviamente ele não deu as caras.

O Vladir, responsável por tomar decisões, decidiu não esperar mais O voo do retorno já havia sido adiado para às 17h20. Ele foi conversar com a Camila, que prometeu ao apresentador do Cartão Verde a presença do Romário às 18h.

Ouvi o lenga-lenga quando

passava no corredor e não pensei duas vezes para, irritado, dizer: "Vladir, eu não acredito nela. Ela é fraca". Sei que se dependesse apenas da assessora, Romário teria cumprido o que combinou. Simplificaria o trabalho da Camila. Lidar com situações assim é desgastante. O problema é que ela não consegue controlá-lo.

Ninguém tem obrigação de dar entrevistas. Procure no blog meus posts sobre times que fizeram greves de silêncio. Nunca fui contra.

Só que nesse caso eles combinaram a data, local, hora, nos obrigaram a trabalhar muito mais, aumentaram os gastos da produção...

Faltaram com o respeito de forma rara.

Elogiei bastante a postura do deputado Romário em relação ao Ricardo Teixeira. Não me manifestei quando se aproximou de José Maria Marin por dar um voto de confiança ao ex-centroavante. Continuarei exatamente igual se avaliar que as ações dele beneficiam a sociedade. Também não mudo minha visão futebolística. Considero-o, por exemplo, melhor que Ronaldo. Foi gênio!

Nunca levo em conta coisas pessoais ao opinar. Elogio quem não gosto e critico as pessoas que simpatizo se achar justo. A gigantesca pisada de bola não interferirá em nada. Mas fiquei com a pulga atrás da orelha.

Romário só pensava em si mesmo nos tempos de boleiro, sempre se colocou como pop star, não respeita a assessora, compromissos...

E é deputado federal. Tenho direito de desconfiar que cedo ou tarde fará o mesmo com o povo ao tomar alguma decisão importante no Câmara.

Em suma, minha quinta foi extremamente cansativa, irritante e pior: improdutiva.

Ossos do ofício. Lição aprendida. RelevO | 12 Junho de 2012

Mamute

Afonso Caramano

Encontraram-no num bloco compacto de gelo siberiano um filhote intacto de mamute (na verdade uma fêmea com apenas um mês de idade, e que se estima ter morrido há 42 mil anos)

olho-o na tela do computador a pele acinzentada como um fruto murcho e preservado em que se percebe a fragilidade adormecida -

será exposto à curiosidade pública em Hong Kong, e já se noticia que cientistas russos e sul-coreanos sonham ressuscitá-lo (ao mamute) em experimentos com células tronco de fósseis preservados e óvulos de elefantes fêmeas

dizem os mais otimistas

que em cinco anos se recriará a criatura

por um instante sinto-me quase comovido, menos pela recriação demiúrgica que pelo destino que lhe coube

talvez triste pelo que ainda lhe cabe ressuscitado, depois de milênios, em um mundo estranho e torto será, então, único e solitário exemplar de antiquíssima espécie.

Extranjero

Cassyano Correr & Maycon Ananias

Ahora yo soy para ti Solamente un extranjero Tengo la vida en dos mitades Pero amor lo tengo entero No traigo una verdad Nada bajo de mi bandera Mis canciones en las líneas Finitas de la frontera

Llamándote me voy Buscando los espacios Tu imagen clavada en mi vida El tren después de la partida Mis sueños, mirajes, quimera Mirando tu fotografia Pisando los pies

Ahora soy um forastero Mirándote mirar Otrora fui de este suelo Deseando solo escapar Ahora soy um forastero Mirándote girar Deseando ahora no ser Extranjero

Buenos Aires, Asunción, Caracas, Lima, Madrid, Quito, Montevideo, Brasília, Lejos de aquí Salvador, Belo Horizonte Barcelona, Roma, Paris, Lisboa, Porto Alegre, Curitiba cerca de ti

Ahora soy um forastero Mirándote mirar Otrora fui de este suelo Deseando solo escapar Ahora soy um forastero Mirándote girar Deseando ahora no ser Extranjero

No beco

Daniel Osiecki

Às cinco da manhã quase todos os frequentadores já haviam saído. Restavam ainda o dono do bar, duas atendentes e três ou quatro testemunhas que presenciaram o início da discussão. Os homens da polícia civil se dividiam em tarefas pelo bar e arredores. Alguns tiravam impressões digitais, outros interrogavam possíveis testemunhas que ainda ficaram no estabelecimento. No bar mesmo não havia nenhum sinal de violência, um ou outro copo quebrado, algumas garrafas pelo chão, mas nada que indicasse violência. Os presentes só sabiam que houve uma discussão e logo em seguida o assassinato de um rapaz, 21 anos, quase em frente ao bar, na esquina com a Saldanha Marinho.

Na calçada estava a mancha de sangue. O corpo estava coberto com uma lona preta da polícia civil esperando chegar o furgão do IML. Com certeza muitas ocorrências na madrugada de sábado. Ao lado do corpo sentase um rapaz, muito abalado, que diz ser amigo da vítima e sabe quem é o assassino. Dr. Paulo, o delegado encarregado, pede que alguém traga logo algum calmante e água pois precisa interrogar a testemunha.

- Guri, você está bem? Está em condições de dar seu depoimento? O rapaz levanta-se lentamente com a ajuda do delegado,enxuga as lágrimas e olha em direção ao corpo.

- Sim, faço questão de entregar o filho da puta que matou o Beto.
- Ok, muito bem o delegado pega seu gravador e bloco de notas. Então, como tudo começou?

Quando saímos de casa não sabíamos onde iríamos. Saímos meio que sem rumo, saca? Andamos pela vila pra ver se tinha alguém por ali, mas tava tudo meio morto. Andamos por um tempo antes de pegar o ônibus. A gente queria queimar um... ah! Que se foda, vocês não vão me prender mesmo. A gente queimou uma erva e fomos pro ponto. Pegamos o São Francisco na Cascavel perto das 23h30 e fomos até o terminal do Hauer. Esperamos o ligeirão uns cinco minutos e fomos até o centro. Descemos na Carlos Gomes. No Largo encontramos uns camaradas e viemos pra cá.

- Que horas?

Já eram meia-noite e pouco, por aí. Aqui encontramos mais alguns conhecidos e ficamos bebendo. O Beto tava meio chapado. Misturou erva e cerveja. Eu também misturei mas não fiquei alterado. Eu não tava no clima, saca? Tava tudo normal, sem treta, tudo na boa, todo mundo curtindo. Aí chegaram

uns caras fazendo barulho, falando alto e mexendo com as gurias. Logo reconheci um deles, Orlei, mecânico, lá da vila também. Ele tava completamente bêbado e de cara percebi que ele queria briga. O filho da puta mexia com todo mundo, esbarrava de propósito na galera que jogava sinuca só pra arrumar uma briga. Foi nessa hora que ele me viu. Viu eu e o Beto no balcão. Já veio pegando nossa cerveja e agradecendo porque a gente tava pagando pra ele. Eu não disse nada, não queria treta pro meu lado, saca? Mas o Beto já tinha bebido três ou quatro cervejas a mais que eu, e ainda com a bomba que a gente

queimou na cabeça, não gostou nada daquilo. Começou a chamar o Orlei de folgado filho da puta, babaca do caralho, pague a tua cerveja e tal. O Orlei é foda, briquento pra caralho, arruma encrenca toda semana lá na vila. Enche o cu de cachaça e parte pra porrada sem motivo. Os dois começaram a discutir, mas o Beto é... era baixinho, e o Orlei é alto pra caralho. Começou a dar porrada pra valer no Beto. Porra, ele tava indefeso, não parava em pé. Depois de deixar o Beto sangrando no chão, o Orlei chamou um cara que tava junto com ele...

- E esse cara quem é? Você conhece? - O Delegado Paulo pergunta oferecendo um cigarro.

Não, nunca vi esse outro. Caralho, tô passando mal! Bem, os dois pegaram o Beto, o Orlei agarrou ele pelo cabelo, o outro segurou pelo pescoço, tipo um mata leão, e levaram ele lá pra baixo. Fui correndo atrás, eu e mais gente do bar. Aí só deu tempo de ver o Orlei tirar uma faca da cinta, dar mais umas porradas no Beto e enfiar a faca

no peito dele. Puta que pariu, agora ele ta aí, morto! Caralho! O canalha tirou a faca do peito do Beto, olhou pra gente, riu e foi embora andando com o outro cara pela Saldanha Marinho. O filho da puta mora lá no fim da Rua Cascavel, no Boqueirão, bem na frente do ponto de ônibus. Mecânica Brasil. Com certeza ele vai saber que fui eu que entreguei ele, mas que se foda. Não tenho medo.

O delegado registrou o depoimento do rapaz e o encaminhou para uma viatura da polícia civil. Os agentes do IML recolhem o corpo de Beto já com o dia amanhecendo. A atmosfera na frente do bar ainda está pesada, insondável, com resquícios de uma noite trágica. Levemente um e outro raio de sol começa a iluminar o local do crime. Ruas ancestrais repletas de vozes. Vozes dos becos, dos côncavos da rua, das sarjetas da cidade. O delegado olha para a mancha de sangue naquela encruzilhada sinistra e sente a chegada do dia.





Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro - Araucária. Fone: (41)3642-1622 Rele**V** ■ 14

Cócegas no esôfago.

Cleverson Antoninho

Se eu amo alguém? Sim. Olha... Qual seria a sua definição para amor? Nenhuma, apenas responda. Precisa haver, amor é uma coisa relativamente mal conceituada. Hm. Qual o teu conceito de amor? Não, não sinto amor por ninguém, eu cresci vendo a exposição de amores alheios, e é engraçado pensar em quando eu era menor, eu tentava fazer o mesmo pela ideia do normal, nunca foi algo natural pra mim.

**

Everaldo conheceu Maria Eduarda quando ele tinha 19 anos, não há maior academia do que passar o dia alimentando uma betoneira, quando Maria Eduarda o viu, viu o quão rustico ele era e gostou da barba grande e cabelos desgrenhados, quando ele a viu, virou para o seu amigo de betoneira e disse, "caralho, se eu pego uma guria dessas, chupo o cu dela." Os dois riram.

Foi em uma queda de bicicleta, que os dois se conheceram, ela caiu, ele a ajudou, sujo de cimento, areia e ternura. Ela ralou os cotovelos, e o coração, dele.

Então eles saíram desta pequena cidade em Minas e vieram pra Curitiba. Em Minas, Everaldo odiava os agroboys com suas pick-ups, andando sem camisa e ouvindo música ruim, em Curitiba, ele odeia os guris com camisa xadrez, cachecol (mesmo no calor), bicicletas, óculos escuros de noite e que ostentam que o lixeiro de Curitiba pega o lixo com uma mão e na outra segura o Ulisses.

Há uma lei, que qualquer homem que já viveu tempo o suficiente nas ruas ou em botecos conhece sobre as brigas, os magrelos, podese brigar, mas preste atenção se andam com facas, os bombadinhos, são os melhores, eles são confiantes, se acerta um murro no pomo de Adão e finaliza com chutes na costela, chutes na costela fazem com que a pessoa mije sangue por no mínimo uma semana, seja o que for, qualquer idiota sabe que é preciso sempre evitar a briga com os gordos grandes, eles são fortes, e por mais que você os acerte, eles são resistentes, e basta que te acertem uma e a luta está perdida, e foi num boteco que um gordo grande chegou e ao ver Everaldo e Maria Eduarda sentados numa mesinha comendo batata frita e tomando uma cerveja, anunciou, antes de gargalhar "O que uma delícia dessas está fazendo com um pangaré desses?" E então ele gargalhou.

Certa vez, Everaldo conseguiu um emprego para colher laranjas em São Paulo, pagava bem, mas era distante da cidade, ele colhia laranjas o dia inteiro, e tinha dinheiro para sustentar Maria Eduarda e sua filha, Rebeca. Ele me disse que passou fome na colheita, perguntei por que não comia as laranjas. "Ah cara, é tudo com veneno né? Comer aquilo é se matar, eles lavam com um produto depois, pra vender e tal." Ele não tinha como ir pra cidade, e as pessoas que estavam de carro e iam até a cidade comer não o davam carona, por ele ser mais um e em tese lotar mais ainda o pequeno quarto em que dormiam. Certa vez ele roubou o carro e tentou sair da fazenda pra ir pra cidade comer, não achou o caminho, voltou, desligou o ronco do carro e foi dormir, com ronco na barriga.

 $De S\~{a}o Paulo, el eligou para a esposa e pediu pra falar com a pequena.$

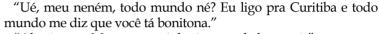
"Oi, fióte, como você tá?"

"Tô bem, pai."

"Fiquei sabendo que você tá bonitona!"

"Quem te contou?"

Quando ela perguntou quem contou, lágrimas desceram do rosto, e ficaram ali, abaixo dos olhos, parecia uma piscininha, depois escorreram e salgaram os lábios.



"Ah, tô não... Mãe num qué dexá meu cabelo crescê."

"Sério, mas é que daí tá no verão e vai ficar coçando, mas olha, eu vou voltar e vamos tomar sorvete, ok?"

"Tá, mas eu escolho "né?"

"Claro que não, sua doida, você só escolhe sabores ruins."

Rebeca escolhia os sabores de sorvete, não pelos sabores, mas pelas cores, então sempre escolhia o de chiclete, que era um verde estranho, e o de galáxia, que era tipo preto com umas cores esquisitas também, sabores horríveis, ela adorava.

Em Minas, ele olhou para o gordo, e conforme a fúria ia crescendo, o gordo diminuía. Levantou, e foi andando em direção a ele, no caminho, pegou uma bola de sinuca na mesa, arremessou bem de perto, acertou em cheio na testa do gordo, ele caiu, morto. O som é o mesmo de que pegar a bola de sinuca e jogar numa parede, oco, seco, traumatismo craniano. Ambos fugiram pra Curitiba, onde Rebeca tinha um tio, e cidade que ela sempre quis conhecer.

Quando voltou de São Paulo, das laranjas, Everaldo chegou em casa, tinha um alagamento perto da casa deles, ali no Xaxim, Rebeca tinha três anos de idade, ele morava em Curitiba há quatro anos, foi até o alagamento com a Rebeca, e usaram um destes sacos de laranja pra pescar, como rede.

"Tá vendo isso aqui? É uma piabinha, se você engolir ela, você aprende a nadar."

Rebeca queria muito aprender a nadar, engoliu a piaba, e morreu de rir porque ao descer pela garganta, o peixinho ficava se debatendo e fez cócegas.

Quando foi a última vez que tu chorou? Não sei. Não? Não, estou tentando lembrar. Lembre.

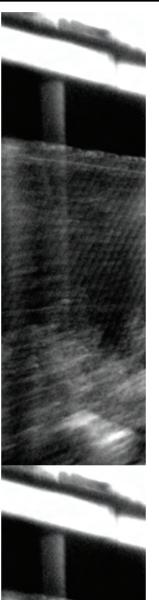
Ao chegar em casa, pediu que Rebeca fizesse massagem nele, a massagem consistia em deitar de bruços e pedir que ela ficasse caminhando sobre suas costas, os pezinhos descalços em contato com a pele, a vida pode ser boa. Ele sempre pegava no sono durante a massagem, então ela ouvia o pai roncar, deitava sobre as costas dele e dormia também, mais tarde, Maria Eduarda tiraria a pequena dali, levaria para o berço, deitaria com o esposo e o sentiria dentro de si e o quando ela a amava, até os brutos amam, ela pensa e pensa sobre antes nunca ter cogitado o amor.

É, realmente não lembro. Mesmo? Não lembro, deve fazer tempo. Mas tu já chorou? Já, só que não consigo lembrar o motivo. Como assim? Acho que chorei justamente por não ter motivos para chorar. Isso é triste. Eu sei.

No dia seguinte, acordou cedo, pegou um copo de leite, e dentro jogou farinha de mandioca e açúcar, levou pra pequena, e pra esposa, amassou abacate com açúcar, também levou pra ela. "Estou feliz que você tenha voltado, a Rebeca não aguentava mais de saudade de você." "Só ela?" Sorriu. "Claro que não seu idiota, sabe que eu também." "Eu sei." Sorriu novamente.

Avisou que ia no mercado ali na Derosso comprar carne, saiu de bicicleta, atravessando a rua um carro o atropelou, era verão, um bom dia pra tomar algum sorvete colorido.

Led Zeppelin – Tangerine.



Paulo André

Com o passar dos anos e acostumado a estar dentro das quatro linhas, a gente perde a noção de tudo o que ocorre no entorno de um estádio de futebol. Mas no jogo Corinthians x Vasco tive uma aula e, logo que avistei o estádio, imerso num mar preto e branco, resolvi descer do táxi e seguir adiante, a pé, por entre os fieis que ento avam gritos de guerra e aqueciam as gargantas para o épico duelo que estava por vir.

Olhava ao redor, admirado com aquela confusão para chegar, para estacionar (pagando até 50 reais para um flanelinha cuidar do seu carro) e me movimentar entre milhares de pessoas. Parecia haverpelomenos60milloucos nos arredores do Pacaembu, hipnotizados pelo clima e pela energia que emanava da Praça Charles Miller, onde a concentração de torcedores era ainda maior.

Mais próximo dos portões, as filas para entrar no estádio eram estratosféricas e as pessoas iam e vinham sem se importar com o tumulto. Para eles aquilo pouco importava, todos eram suficientemente experientes, na arte do corintianismo, para saber que se a recompensa viesse ao final da partida, todo o sofrimento pareceria insignificante.

No meu caminho até o vestiário pude observar que, aliado aos cânticos de vitória, pessoas seguiam seus rituais de fé. O taxista que me largara ali estava com o agasalho da Gaviões e disse que com aquela roupa jamais perdera uma partida. Num grupo próximo ao portão 23 alguém pediu para ligar para a esposa para dar sorte e o outro disse, abraçando a mulher, que havia ganho todos os jogos que assistiramjuntos. Suas superstições pessoais tinham como intuito, pelo menos na minha cabeça, espantar todos os espíritos maus que tentariam boicotar os planos de São Jorge para aquela noite.

Eu, um cético por natureza, descartaria veementemente todas essas repetições e cren-

Vida de Torcedor



dices, mas, inconscientemente, havia acabado de enfrentar a minha própria superstição ao sair de casa. Na última partida em que fui ao Pacaembu, perdemos para a Ponte Preta por 3 a 2. Achei que tinha dado azar e fiquei tão nervoso que prometi a mim mesmo que só voltaria lá no dia em que eu estivesse recuperado para jogar.

Não aguentei.

Fui ao vestiário, cumprimentei os companheiros e fiz a oração. Nos olhos, eles carregavam a confiança e a serenidade para a batalha campal que seria travada lá no gramado. Era impressionante a concentração daqueles caras. Assim que partiram em direção ao túnel, eu fui para as arquibancadas.

Lá do alto, o gramado parece maior. Os espaços são enormes e a velocidade do jogo é outra. É possível ver e antever cada lance e mais do que isso, é possível ver um outro palco, de concreto, onde se misturam povos, racas e culturas. Pessoas de diferentes credos e classes sociais se amontoam como irmãos, levantam a mesma

bandeira, se abraçam e sofrem juntos. E ali, no meio da multidão, ocorre um espetáculo paralelo ao jogo em si, onde o teatro da vida não finge, não faz de conta, ele simplesmente transborda a verdade, os sentimentos e os instintos mais puros do ser humano. E é entre a alegria e a tristeza, o sorriso e o choro, o medo e a tensão, o amor e o ódio, que está enraizada a grande magia do futebol! O cômico de tudo isso é

que lá de cima, agimos como se estivéssemos controlando marionetes, empurrando os para frente e para trás. Eu estava assim. Com as mãos e com os gritos pedimos mais força, mais velocidade, mais amor. Alertamos sobre os perigos e as tentativas do adversário. Somos todos treinadores com soluções mágicas e instantâneas para resolver os problemas daqueles onze guerreiros que representam nossa maior paixão. E fazemos tudo isso de coração, com a intenção de ajudar, mesmo que, às vezes, extrapolemos.

E como grandes atores da

vida real, eu e mais de 35 mil apaixonados sofremos quando Diego Souza escapou sozinho em direção ao gol. Segundos se tornaram horas, lembranças ruins invadiram nossas mentes enquanto o atacante vascaíno invadia nossa grande área. O silêncio pairou no ar. Os pulmões travaram, ninguém ousou se mexer. Ficamos estáticos, aguardando o desfecho daquela tragédia anunciada. Eis então que surgiu um gigante, de nome Cássio, para salvar a nação, a pátria, o nosso sonho e o nosso gol.

Quando a bola rolou, carinhosamente para fora, o estádio todo explodiu, vizinhos se abraçaram, comemoraram e voltaram a sorrir. Estávamos na luta, estávamos no jogo novamente. E no lance seguinte, em meio a nossa festa, nem nos preocuparmos com a bola que tocou o travessão, foi tudo muito rápido. Só me lembro do alívio que senti. A partir daí, a torcida não parou de cantar, como se tivesse certeza de que aquele fato só viria a confirmar que o final daquela peça seria

um final feliz.

O gol do Paulinho, aos 43 minutos do segundo tempo, foi o clímax da obra. Não sei quantas pessoas eu abracei, não me lembro. Quando dei por mim, estava de pé, em cima das cadeiras, pulando e cantando o hino do clube. Cada irmão comemorava de um jeito: uns choravam, outros gritavam e tinha aqueles que agradeciam aos céus

Paulinho foi abençoado e retribuiu abençoando a noite de milhões de pessoas.

Eentão, depois de todo aquele sofrimento, já quase sem voz de tanto gritar, percebo que na verdade estamos falando de uma marionete ao contrário, onde quem movimenta as mãos indicando o caminho somos nós, os torcedores, mas no fim de cada lance, somos nós também, os loucos, que reagimos aos movimentos dos bonequinhos lá embaixo. Essa é a vida do torcedor.

Porisso, parabéns a todos vocês. Espero estar no campo na próxima vez, torcedor sofre demais!

Ao meu assassino

Rodrigo Madeira

há muito equívoco nesta cidade sobre a morte de paulo leminski. morreu de bebida, de curitiba, de harakiri e o diabo.

deixe-me dizer-lhe leminski está morto e fui eu que o matei. era tardinha, sete de junho de 89, na esquina do stuart. eu tinha apenas dez anos de idade.

abracei-o no golpe da faca e só largaria depois que ele se largasse. olhou-me, excepcionalmente, com olhos de cachorro manso e disse: "quem é vivo sempre desaparece." sorriu-mecomo se eu morresse. por quê sabia que aquilo era obra de um tigre... hoje entendo a razão de não ter cabido um "sinto muito, poeta!" é a ordem natural das coisas. leminski também matou seu touro e voltou para casa de mãos

comigo acontecerá o mesmo. não fiz nem 28 anos e já espero o golpe do meu vingador. tenho esta impressão de que ele virá da direita, sabendo que sou canhoto em tudo.

novas.

morro de medo do menino que fala sozinho, possível poeta, da menina que penteia os



cabelos no vento (será poeta?), de adolescente no expresso que lê a ilíada em pé. morro de medo, morro de medo, mas não há jeito, é certo como o sábado.

na esquina de casa, na saída do barbeiro, na volta da banca, na fila do banco, num estacionamento de supermercado, ele estará a minha espera. inevitável que seja. em algum lugar da cidade meu assassino esta nascendo.

escute daqui a alguns anos estas palavras: "tudo bem, cara, eu entendo! perdoe-se como eu me perdoei, ou não escreverá sequer um verso.

apenas interceda em meu favor para que eu seja enterrado em meu bar preferido. só isso. os poetas merecem ser emparedados em seu boteco eletivo, assim como as aves devem ser sepultadas no ar.

o botiquineiro saberá rezar a minha missa."

não há jeito é certo como o sábado: tal qual as putas de outros tempos, o poeta cora seu rosto com sangue.

o sangue de outros poetas.